



JORGE, Lúdia (2007).  
*Combateremos a Sombra*.  
Lisboa: Dom Quixote.

Lúdia Jorge (1946- ), escritora premiada, que entretanto acaba de lançar o livro de literatura para a infância, *O Grande Voo do Pardal*, autora de romances como *O Dia dos Prodígios* (1980), *O Cais das Merendas* (1982), *Notícia da Cidade Silvestre* (1984) *A Costa dos Murmúrios* (1988), *A Última Dona* (1992), *O Jardim sem Limites* (1995) e *O Vento Assobiando nas Gruas* (2002), publicou em Março deste ano o nono dos seus romances: *Combateremos a Sombra*.

*Combateremos a Sombra* conta a história de Osvaldo Santos, um psicanalista e professor, que se deixa embrenhar pela realidade peculiar das estórias que lhe são contadas no seu consultório, do prédio Goldoni. De homem bem casado, que chega constantemente atrasado a compromissos familiares, sem grande ligação afectiva ao único filho, do primeiro casamento, perde a mulher para o colega Navarra, de quem ele se destaca pela forma financeira desprendida com que exerce psicanálise.

A acção desenrola-se sobretudo no espaço citadino de Lisboa. Numa temporalidade linear, assistimos às vivências de Osvaldo Santos desde a noite da passagem do século até à Primavera de 2001. São quatro meses de convulsões na vida do psicanalista-professor: do divórcio com Maria Cristina Folgado à paixão pela mulher misteriosa, mais nova do que ele, que se esconde no 3º andar do seu prédio, Rossiana; e de uma vida pacata à descoberta de esquemas de tráfico e de influências.

O protagonista é visto pejorativamente pelos demais como um «bom homem» (Jorge, 2007: 60), inofensivo, que passa a homem divorciado, a viver reduzido ao seu consultório e às vezes à solidão. Da sua postura de espectador/ouvinte, que «consistia em assistir aos problemas dos outros» (ibid.: 108), passa a ser ele actor de situações que lhe trarão problemas.

Osvaldo Santos é um médico que não olha aos lucros, mas aos casos clínicos, aceitando «pacientes economicamente insustentáveis» (ibid.: 67), pessoas incuráveis, muitas vezes. Assim, vê a análise como «um acto de rigor» (ibid.: 155), «uma tentativa de dividir uma substância que nunca se divide» (ibid.: 155) e o psicanalista como um

«decifrador de histórias» (ibid.: 156), de vidas mentais. Destaque-se o caso do «tipo preto que não vê pessoas da sua cor» (ibid.: 66), o que o leva a ter medo de entrar num autocarro se for um indivíduo da sua *raça* a conduzi-lo, pois ficará com a ideia de que ninguém conduz o autocarro. Mas o motivo desta «oclusão selectiva» (ibid.: 327) do jardineiro, Lázaro Catembe, será explicada mais à frente pela experiência dolorosa sofrida num autocarro em Luanda, em que o condutor, vítima da guerra civil, é morto e lhe cai em cima, tendo o autocarro parado apenas quando embate num muro do Tribunal. Esta é uma das poucas histórias de sucesso do protagonista para com os seus pacientes a que assistimos e que se deve ao facto de o psicanalista sair do seu gabinete para o campo de receio do paciente: fá-lo enfrentar a realidade, acompanhando-o de autocarro. Não quererá este episódio *dizer* que em psicanálise é preciso também agir? Através, por exemplo, deste jardineiro e de Maria London, o romance tenta, assim, desvendar algumas das estratégias da mente humana e a forma de ela lidar com o real.

O protagonista começa a acreditar nos segredos que a paciente Maria London lhe conta no seu gabinete e que se prendem com negócios do seu pai, o arquitecto London Ribeiro e das pessoas com quem ele se relaciona. O psicanalista, qual detective, tenta descobrir realidades até aí incalculáveis e com consequências sérias. Daqui a relação entre o onírico e o fantasioso com a realidade, em que o real se disfarça de onírico.

O romance apresenta-se dividido em sete partes, cada uma entre cinco a sete capítulos: «Os dois *smokings*»; «A hora da bondade»; «A visita da noite»; «Cena Branca»; «Tudo o que voa»; «Combateremos a sombra»; «Processo de Primavera», a que se junta o último capítulo, inesperadamente intitulado «Dedicatória».

O título, curto, ao colocar a ênfase numa forma verbal de futuro e num substantivo, remete-nos para um presente projectado num futuro de esperança num combate. No presente vivenciado pelo psicanalista a sombra ganha. No entanto, a missão do combate passa para o narrador onisciente que o leitor apenas pode deduzir quem possa ser: a jornalista, Marisa Octaviano, que no final do romance se encontra com Osvaldo e se predispõe para o ajudar a desvendar e expor as ilegalidades que ele lhe conta. A jornalista, que recolhe dados do passado e no-los vai revelando, recorrendo a verbos declarativos, tenta não se expor ao fazer recair a responsabilidade das narrações nas personagens, fontes da informação: «Pelo menos foi isso que ela contou, no Verão seguinte» (ibid.: 81).

O título da obra é, pois, o título da penúltima parte do romance, em que se abordam temas como o da fragilidade da memória, apoiados por verbos como «contar», «dizer», na terceira pessoa do singular, do pretérito perfeito simples do indicativo ou no condicional.

A sombra remete-nos para o mundo das trevas, do inalcançável, dos domínios proibidos; logo como vencê-la se ela é também indissociável da matéria? A resposta a esta questão parece não ser aliciante: a sombra perseguir-nos-á e a luta será, pelo menos

em parte, infrutífera. Assim, o protagonista, qual D. Quixote, chega a cair no ridículo pela inverosimilhança que adquirem as suas acções e pelo fracasso que se adivinha da sua luta desigual.

É, pois, Maria London que lhe dá a chave para a sombra que procura combater: as viagens que ela e o seu pai fazem assiduamente em paquetes de luxo, que lhe revelam as relações destes com o tráfico de droga. Droga que supostamente viajará metida nas molduras de pinturas comercializadas. O psicanalista começa por ver que os paquetes que a sua paciente refere existem de facto e vão passando pelo cais de Alcântara. A revelação dá-se precisamente na parte «Combateremos a sombra», em que a paciente lhe revela os nomes das pessoas e dos paquetes envolvidos no tráfico e a pergunta instala-se: «Pois o que poderia fazer um psicanalista que de repente não tem alfabeto para ler o outro lado do mundo?» (ibid.: 346). Quanto mais próximos vamos ficando do final do livro, mais nos aproximamos da ideia de uma Máfia que aniquila os opositores e realiza outros tráficos como o de armas, de pessoas, etc. A relação profissional de Osvaldo com Maria London e o seu envolvimento afectivo com Rossiana fazem-no ter contacto com o mundo da clandestinidade, conseguindo colocar a amada em segurança num convento de freiras nos arredores de Roma.

Apesar dos esforços envidados pelo protagonista, tentando contactar com pessoas influentes como um agente da Polícia Judiciária, jornalistas e escreve mesmo ao Presidente da República, a pergunta fica no ar: «Num sistema destes, quem toca nos intocáveis?» (ibid.: 381).

O romance parece querer justificar a ideia de que «A História parece ser a última instância da Justiça» (ibi.: 383), critica a impunidade e irresponsabilidade de alguns representantes do Estado e desvenda, através do amigo Junô d'Almeida, a mentalidade da classe política e/ou influente de uma forma arrepiante:

Ages [Osvaldo] como se fosses filho de um pelintra... Esses é que para se vingarem da vida escolhem a verdade e a igualdade, e outras balelas semelhantes para se entrincheirarem em lugar seguro e para daí zurzirem o pessoal com uma falsa superioridade. A verdade? A honra? O que é isso? Disfarces para se compensarem da nódoa por terem vindo da merda. Uns pulhas, uns empatas... (ibid.: 394).

No último capítulo, a história precipita-se e o trágico abate-se sobre o protagonista. Da estranha docilidade do arquitecto London Ribeiro para com a filha, passamos ao falecimento do médico, encontrado morto no apartamento em que se escondia a sua amante quando estava no prédio Goldoni. Depressa se depreende o mais fácil: crime passional. Mas não deixa de ser irónico (e metafórico) o local onde as balas o atingiram: «um homem que ensinava a escutar as vidas dos outros, a ser silenciado com uma bala no ouvido, e a seus pés, seis pedras?» (ibid.: 477).

Ana Fausta, a secretária, ganha estatuto de confidente à medida que vamos chegando ao final da história. Porém, em certa medida, contribui inconscientemente, ao não entregar a agenda de Osvaldo, que revelaria os passos e encontros do psicanalista à Polícia, para que a tese de suicídio do seu patrão acabe por tomar relevo e ajudar a «simplicidade a cair sobre o caso de Osvaldo» (ibid.: 469).

No final, o desfecho com um capítulo intitulado «Dedicatória» causa estranhamento. Depois, percebe-se que a dedicatória é ao psicanalista pela sua coragem e que os seus actos não caíram no esquecimento, pois há um narrador que se interessa pela sua história, recolhe testemunhos e tudo indica que Maria London, a paciente que desencadeou o interesse do médico pela realidade que desconhecia, deixará de pactuar com o seu pai, de aceitar ser usada por ele e o denunciará ao narrador.

O romance, sem ser político, é marcado por um forte cunho ideológico, destacando a indefinição de um país que assiste em silêncio e/ou compactua com ilegalidades de personalidades públicas. Dos factos referidos no romance, há um em particular que coloca historicamente a escrita: a queda da ponte de Entre-os-Rios. Esta escolha do maior acidente rodoviário de sempre em Portugal não parece ser ingénua e remete-nos para os riscos de atitudes inconscientes das entidades que regulam o país.

A nota mais do que positiva para o romance vai para o desfecho em aberto e inquietante, pela insistência na temática da impunidade dos poderosos, em que o real se sobrepõe ao onírico. O título do romance transforma-se de afirmação em interrogação: combateremos a sombra? Também a linguagem escurra, pela sobriedade e pela elegância, sobressai neste romance, premiando os leitores que possam já estar cansados da ficção em que a criatividade se sobrepõe às regras linguísticas.

É, sem dúvida, um romance universal pela temática que aborda: a complexidade da alma e da mente do ser humano; a luta contra a mesquinhez, a manipulação, a corrupção e a impunidade. Porém, não podemos deixar de referir a lentidão que a narrativa assume, privilegiando-se a descrição interior e a descrição de factos que reflectem a normalidade do quotidiano. Este aspecto compreende-se pela tentativa da construção da narrativa como processo (demorado) de psicanálise.